
JAIR BOLSONARO E A PANDEMIA: NOTAS SOBRE PRÁTICAS IDIOTAS

Muriel Emídio Pessoa de Amaral¹

Resumo

A partir do entendimento de política, espaço público e mentalidade alargada, o texto pretende dissertar a deficiência desses conceitos nas propostas de Jair Bolsonaro durante as ações de combate à pandemia do novo coronavírus, um acontecimento de escala mundial. Pela análise, não houve o fomento do espaço público, mas a criação de aspectos idiotas e privados que não alcançaram a mentalidade alargada para sugerir soluções ao espaço público.

Palavras-chave

Idiota;
Jair Bolsonaro;
Pandemia.

JAIR BOLSONARO AND THE PANDEMIC: NOTES ABOUT IDIOTIC PRACTICES

Abstract

Based on the understanding of politics, public space and enlarged mindset, the text intends to discuss the deficiency of these concepts in Jair Bolsonaro's proposals during the actions to combat the new coronavirus pandemic, an event of worldly scale. Through analysis, there was no promotion of public space, but the creation of idiotic and private aspects that did not reach the enlarged mindset to suggest solutions to the public space.

Keywords

*Idiotic;
Jair Bolsonaro;
Pandemic.*

Considerações preliminares

A proposta do texto é de reconhecer os acontecimentos envolvendo a gestão de Jair Bolsonaro (sem partido), presidente do Brasil, quanto à quarentena imposta pela pandemia do novo coronavírus como sendo acontecimento idiota a partir do entendimento de Hannah Arendt (2007, 2018) sobre o conceito de mentalidade alargada, política e espaço público. A discussão também estabelece diálogos com outros autores como Adverse (2019) que dissertou sobre movimentos antipolíticos e a intenção de negligenciar a existência de algumas vidas, segundo Agamben (2010, 2004).

O texto pretende analisar o período entre os meses de março e maio de 2020 quando, mundialmente, foi decretada a pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), instituição ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), mesmo período em que o Ministério da Saúde no Brasil sugeriu medidas fitossanitárias para conter o avanço o vírus e houve os pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia. Assim, desde o dia 15 de março de 2020, ações como a necessidade de fechamento do comércio e de outras atividades produtivas, a suspensão das aulas em escolas e

¹ Mestre e Doutor pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). E-mail: murielamaral@yahoo.com.br.

universidades e a redução de contato físico e social por quarentena ganharam forças para evitar o avanço do vírus até então muito desconhecido.

A escolha do período selecionado acontece porque o decreto da pandemia do novo coronavírus e suas primeiras evoluções foram um acontecimento pela perspectiva de Arendt (2007). Segundo a autora, o acontecimento é o evento que rompe com a cadência do tempo dentro da dinâmica do cotidiano. A percepção de Arendt (2013) sobre acontecimento partiu após a análise da origem do totalitarismo, quando o surgimento ela reconheceu que aquela forma de governo rompeu com todos os conceitos e modos de governança. Logicamente que compreender o acontecimento não é apenas em casos extremos com a incidência do totalitarismo, entretanto, de acordo com ela, o acontecimento não é necessariamente inédito, podendo ser recorrente, mas interfere de modo significativo nas formas de sociabilidades e pode, inclusive, se estender na produção de novos discursos e novas formas de viver.

A despeito da adoção de medidas para não agravar a pandemia, desde então, na contramão das ações propostas pelo próprio Ministro de Saúde do Brasil da época, Luiz Henrique Mandetta, Jair Bolsonaro criticou e se manifestou publicamente contra a necessidade de realizar quarentena, principalmente quanto à suspensão das atividades produtivas, além de promover aglomeração de pessoas em espaços públicos em seus pronunciamentos. Destarte, o texto pretende se debruçar sobre essa perspectiva para reconhecer que os acontecimentos ocorridos naquele momento da pandemia poderiam ser considerados idiotas a partir da ausência de reflexão política e negligência das ações enquanto mentalidade alargada. Para confirmar a hipótese, o texto se apresenta em dois momentos. O primeiro deles disserta sobre o arcabouço teórico-metodológico que irá permear as análises e, num segundo momento, a tessitura empírica das discussões estabelecidas.

Práticas idiotas e a política

Para compreender o sentido da palavra idiota, é preciso se despir dos conceitos estereotipados que rondam secularmente o termo. A etimologia de idiota é derivada de *ídiōn*, do grego, e se refere aos sujeitos exclusivamente voltados aos aspectos privados enquanto manifestação individual, algo diferente acerca do entendimento de espaço público. Conforme aponta Bittar (2011, p. 12), “o espaço comum (*koinón*) não é o espaço de projeção do privado (*ídiōn*)”, assim, antes de ser um xingamento associado à imbecilidade ou estupidez, o sujeito idiota é desprovido de preocupações sobre as demandas propostas enquanto exigências coletivas que seriam orquestradas ao bem-comum. Se por um lado a prática idiota se articula na intenção de apenas atender aos propósitos individuais, por outro lado, a política não deveria contemplar esse sentido em suas ações. Política e espaço público não são sinônimos, entretanto, não podem ser conjugados separadamente, como apresenta Arendt (2007). Também de origem grega, a palavra política é derivada de *politikós* e está associada a tudo que se referente à pólis e àquilo que se apresenta para a organização do espaço público e sociável (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 2000). A política se encontra no espaço comum construído pela ação que se realiza em conjunto; Bittar (2011, p. 06) considera que “o solo da política é o solo da necessidade e da inevitabilidade do convívio”.

A perspectiva de constituir o senso comum fundamentou as ideias de Hannah Arendt (2018, 1983) sobre a política e o espaço público. A autora não reconhece o senso

comum como significados rasos e elementares sobre alguma produção de sentido, mas como sendo o movimento de união em ação política, isto é, a forma de permanecerem unidos a despeito de haver diferenças de posicionamentos. Suas considerações foram tecidas a partir da experiência do totalitarismo na Europa ao final da primeira metade do século XX. Os regimes fascistas e nazistas, pela visão da autora, não apenas provocaram a ruptura com as práticas governamentais, mas também promoveram a destruição do espaço político e público e a quebra com a tradição ao reconfigurar, por exemplo, outro sentido para o mal, que fora entendido como mal banal² (Arendt, 1999). Por esse caminho, o entendimento de política para Arendt não se encontra nas propostas de um governo ou nas práticas regimentais, mas na ação que é elaborada por sujeitos livres que se articulam em nome do espaço em comum para a incubação de melhores propostas para a pólis.

As reflexões de Arendt dialogam com as propostas de pensar o espaço político propostos ainda na Antiguidade, entre elas o entendimento de Aristóteles (2019). Ele afirma a importância da participação de sujeitos livres na deliberação sobre as demandas do espaço público e reconhece no ser humano um animal de essência política. Além de Aristóteles, Arendt também se apropria das elaborações de Cícero para fundamentar suas considerações sobre a política. Romano do século 105 a.C., o filósofo discorreu sobre a importância de cuidar das coisas do mundo e o esmero da necessidade de dedicação à vida pública. Entre suas ponderações é a eloquência de manter a medialidade entre a razão e o diálogo “comunicando seus pensamentos, discutindo, apresentando juízos, os homens se aproximam, formando um tipo natural de sociedade. Isso nos distingue dos animais” (Cícero, 2019, p. 45). Essa ideia é um dos pilares de sustentação do pensamento arendtiano sobre política. Além disso, para ele, a vida deve estar imune às paixões; “é preciso que nossas palavras também sejam isentas daquilo que pareça cólera ou outro qualquer feito (Cícero, 2019, p. 74). O sentido das paixões dentro do campo da política também será visto por Arendt como um empecilho para a arquitetura da ação política, mas este assunto será debatido com maior profundidade no decorrer da explanação. A ideia apresentada por Cícero será apropriada por Arendt para compreender o espaço público alheio das paixões privadas e essa ideia servirá de apoio para reconhecer que as paixões privadas minam o espaço público e promovem aspectos idiotas durante o período pandêmico.

A construção da ação política, ainda na esteira do pensamento de Arendt (2018), é edificada por uma trama de significados que envolvem a liberdade, pluralidade, visibilidade e comunicação. Diante da experiência do fascismo, Arendt não concebeu a política fora das expressões da liberdade. Para a autora, a liberdade não é a manifestação idiota de cada sujeito, mas a condição do sujeito de ser percebido e reconhecido no espaço público pelo seu discurso, usufruindo da sua visibilidade, por isso a importância da comunicação. O diálogo estabelecido pela comunicação constrói a pluralidade dentro do espaço público, organiza o senso comum e oferece as melhores

² Segundo a autora, o mal não apresenta uma origem, mas é fruto da ausência de reflexão política que contempla o diálogo e a compreensão da pluralidade de discursos. A noção de mal banal apresentada por Arendt (1999) partiu após acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann, burocrata alemão do Partido Nazista, responsável pela logística dos trens de transportavam os condenados aos campos de concentração. Durante o julgamento, Arendt não o reconheceu como uma figura abominável, mas enquanto um sujeito medíocre que, pela deficiência de pensar politicamente, poderia ser considerado responsável pelo holocausto, mas, jamais, culpado pelo horror provocado pelos nazistas.

soluções para a pólis. Destarte, a intenção de aniquilar as condições de visibilidade, liberdade, comunicação e pluralidade no espaço público, para Arendt (1985), não se caracteriza como ação política, mas como representações de violência.

Por essa perspectiva que, para ela, a política deve ser fundamentada na existência da pluralidade. A autora não vislumbra a construção do espaço político por meio de pensamentos restritos ou universais, tampouco que seja contemplada a obediência, ainda mais aquela cega que não faz prosperar a ação em conjunto. A pluralidade edifica os diálogos públicos e as relações de convivência, movimentos que não se encontram em manifestações totalitárias e nem em práticas idiotas. Arendt afirmou que a política se faz na convivência do cotidiano e “(...) conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum (...)” (Arendt, 2007, p. 62).

Um outro fundamento relevante para a ação política é a intenção de sujeitos e grupos se articularem sem uma finalidade previamente estabelecida que não seja a promoção do senso comum. Arendt (2018) acreditava que a política é uma finalidade com fim nela mesma, ou seja, se realiza dentro da conjugação do comum sem pressupostos objetivam interesses particulares e idiotas. Por isso que ela afirmou que a política não acontece *para* os homens, mas *entre* os homens; e esta condição apenas é possível na ocorrência da pluralidade e na liberdade quando todos caminham juntos, a despeito de haver diferenças de posicionamentos.

Paralelamente ao seu conceito de política, o texto também se apropria do entendimento de Arendt sobre mentalidade alargada. O desenvolvimento do conceito acontece a partir da leitura feita por ela dos conceitos elaborados por Immanuel Kant acerca da estética. Kant, no livro *Crítica da Faculdade do Juízo*, alega que o juízo sobre o belo não deveria ter um caminho prévio e as faculdades da razão deveriam ser livres para o reconhecimento do valor do objeto estético. A partir dessas primícias, Arendt estabelece paralelos com a ideia kantiana em interface aos seus entendimentos de política. Assim, a concepção de mente alargada prevê o exercício da razão em diálogo com a imaginação para o fomento de diálogo e reconhecimento da pluralidade de discursos dentro do espaço público e da vida do espírito, isto é, a vida composta por todas as esferas que integram a existência humana.

O conceito de mente alargada não é apenas a tarefa de empatia ou solidariedade diante da realidade de outrem, mas o movimento que reconhece a pluralidade de ações e de discursos para a organização do espaço público enquanto forma de liberdade; é perceber, compreender e legitimar a existência do *outro* no espaço público. Conforme aponta Arendt, a mente alarga é “o vislumbre de que os homens são dependentes de seus companheiros não apenas porque têm um corpo e necessidades físicas, mas precisamente por suas faculdades do espírito” (Arendt, 1994, p. 14).

Para findar esse primeiro momento do texto, é importante considerar que a política é constituída na diferença, no dissenso, na participação da pluralidade para a constituição do espaço público e não na humanidade de considerações. Por esse caminho, essas considerações são importantes para que reconheçamos o quanto as práticas da atual gestão de Jair Bolsonaro na presidência do Brasil ferem consideravelmente os aspectos políticos desenhados por Arendt.

Desenvolvimento: Acontecimentos idiotas na pandemia

O jornal alemão Die Presse ³ afirmou, em outra circunstância, que Jair Bolsonaro é um idiota por dois motivos: primeiro pela tentativa de indicar o próprio filho à Embaixada nos Estados Unidos, Eduardo Bolsonaro, um movimento nítido de nepotismo, e segundo, por acreditar que a sua eleição findou a tentativa de invasão de comunistas no Brasil. Conforme apresenta Oyama (2020), muitas das articulações propostas por Jair Bolsonaro, mais que defender os interesses públicos, prezam pelo bem-estar dos seus filhos eleitos a algum cargo político e de seus aliados de Bolsonaro. Além de não esconder a defesa dos filhos, Bolsonaro permaneceu em estado privado durante as ações contra a pandemia do novo coronavírus.

Mesmo antes dos primeiros registros da infecção no Brasil, Bolsonaro apresentou desdém quanto às possibilidades de contaminação e a ocorrência de mortes, que atingiu níveis muito elevados durante a pandemia. A tese dele foi de que a suspensão das atividades econômicas (comércio e fábricas), bem como o fechamento de escolas e universidades, causaria mais danos e mortes se comparados aos danos e mortes provocados pela infecção pelo novo coronavírus, as pessoas morreriam de fome e passariam por privações. Por não haver vacina e medicamentos específicos para o tratamento, a única solução foi a adoção de isolamento social e físico e a permanência em quarentena.

Em 15 de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia, Bolsonaro afirmou em uma de suas aparições públicas, de uma das entradas do Palácio da Alvorada, que “A população da Europa é mais velha que a nossa. Então, mais gente vai ser atingida pelo vírus do que nós”⁴. Neste episódio é importante reconhecer dois traços idiotas: a deficiência de promover o alargamento da mente e a destruição do espaço público pela negligência de certas vidas. O espaço de onde proferiu o discurso é um local controlado ideologicamente porque está repleto de seus apoiadores. Arredio ao debate público, até mesmo em campanha eleitoral, ele provocou a criação do local onde costuma conversar com a imprensa e seus séquitos, o chamado *cercadinho do Bolsonaro*.

Muitas vezes avesso às entrevistas coletivas de modo clássico, o presidente fazia suas declarações desse local que é uma das entradas do Palácio. De lá, o presidente altera a voz, grita, humilha todos aqueles que divergem da sua forma de atuação. Sempre em aparições curtas e rodeado por uma comitiva numerosa, o presidente performa muito mais para os admiradores do que presta satisfações à sociedade enquanto ação política. Jornalistas e demais profissionais da imprensa se misturavam aos admiradores e militantes de Bolsonaro na disputa daquele espaço delimitado por grades até à altura do peito. Ao que poderia ser um ambiente de recepção e que

³ Mesmo o recorte sendo a pandemia, em outras passagens, o governo de Jair Messias Bolsonaro foi considerado como sendo idiota na matéria publicada pelo site alemão Die Presse, cujo o título era “Brasilien hat einen Idioten gewählt”, em tradução livre, “O Brasil elegeu um idiota”. Para o site, Bolsonaro teria essa qualidade porque opera dentro da fantasia da existência de planos conspiratórios contra sua gestão, principalmente advindas por comunistas e socialistas. A matéria está disponível em: <https://diepresse.com/home/ausland/aussenpolitik/5672338/Brasilien-hat-einen-Idioten-gewaehlt>. Acesso: 26 jul. 2020.

⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-compara-italia-copacabana-coronavirus-gravidez-vai-passar-1-24311233>. Acesso: 10 abr. 2020.

pudesse garantir minimamente demonstrações democráticas e de liberdade de imprensa, passou a ser um santuário de culto às expressões antipolíticas do presidente. O *cercadinho* foi contaminado pela horda presidencial tornando-se também um ambiente confortável para manifestações de apoio e elogios a Bolsonaro. Parte das pessoas que integram o *cercadinho* compõe o grupo 300, uma caravana que acampou durante os primeiros meses de pandemia em frente ao Palácio e demonstrou apoio incondicional ao presidente.

As pessoas que povoaram o *cercadinho*, mesmo nos primórdios da sua formação, não se preocuparam em promover a ação política, mas em fazer do ambiente um sintoma da destruição do espaço público, da liberdade e da visibilidade daqueles que não conjugam da ideologia do presidente. Jornalistas eram constantemente intimidados e humilhados quando questionavam alguma atitude de Bolsonaro, quando ele próprio afirma que um jornalista tem “cara de homossexual terrível”⁵. Conforme apresentou Arendt (2018), o movimento de destruir qualquer um desses aspectos se sustentação à ação política pode ser compreendido como um gesto de violência. O *cercadinho* não ultrapassa os valores idiotas. Bolsonaro reconheceu na obediência cega daquelas pessoas que se embrulharam com a bandeira nacional e vestiam roupas com seu rosto estampado uma caixa de ressonância da própria ideologia. As palavras de ódio e descaso não ficariam retidas às grades de metal que delimitam o redil metálico, mas ecoariam entre aqueles que fossem afetados e tocados pelos sentimentos proferidos pelo presidente.

Além de ser idiota, o *cercado* é a expressão mais aguda das paixões. É fundamental reconhecer que as paixões nesse caso não são as forças empreendidas em nome da contemplação coletiva, mas são interpretadas enquanto vigor para prazeres individuais, ou, na melhor das hipóteses, segmentado a apenas entre os iguais. Arendt (2018) observou com receio a presença das paixões no espaço público. Para ela, esse sentimento, ainda mais de cunho individual, deve ficar restrito às manifestações privadas e não avançar ao espaço público. As paixões privadas se limitam ao reino das necessidades e à condição do sujeito não pertencente ao debate público; a paixão privada não é derivada da razão e, no caso em tela, se faz presente na servidão dos sujeitos ao seu soberano. A construção do espaço público é provida pela vontade, esta, por sua vez, pode ser fruto da paixão, entretanto quando mediada pelo intelecto e pela razão para a elaboração do debate e a formação do espaço plural, a vontade torna-se política. Esse movimento é possível com o alargamento da mente e na promoção da ação política porque contempla o diálogo e a comunicação.

Para ilustrar com outra passagem, mesmo antes da pandemia, foi diante dos seus seguidores contidos pelas grades que, em fevereiro de 2020, Bolsonaro disse que a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S. Paulo, o perseguia porque “ela queria dar o furo”. Uma declaração vulgar, ainda mais advinda por um chefe de Estado, além de ser misógina, sexista e machista. “Dar o furo” é um jargão jornalístico e se refere quando o repórter traz informações com exclusividade. O trabalho da jornalista deu base para a formação da CPI das Fake News (Mello, 2020) que investiga o disparo de notícias falsas por empresas de marketing digital que, segundo a apuração da jornalista, durante a campanha realizada de Bolsonaro à Presidência, foi um expediente muito utilizado.

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/voce-tem-uma-cara-de-homossexual-terrivel-nem-por-isso-te-acuso-reage-bolsonaro-sobre-caso-flavio-2-24150705>. Acesso: 10 abr. 2020.

O segundo traço idiota contido na fala do presidente é a ausência de alteridade. Quando proferiu o comentário de que o país não seria atingido gravemente, no Brasil não havia sido registrado qualquer número de morte. Entretanto, a Europa ainda amargava números altos de vítimas fatais, principalmente na Itália e Espanha, além de milhares de vidas perdidas na China, país onde a pandemia teve origem. A vida, principalmente de idosos, não apresenta valor político durante o período pandêmico pelas palavras do presidente. Além da fala no *cercadinho*, em pronunciamento oficial em cadeia de rádio e TV realizado no dia 24 de março de 2020, Bolsonaro afirma que “pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho”. (Bolsonaro, 2020).

Pronunciar-se abertamente sobre uma infecção de âmbito planetário como sendo uma “gripezinha” ou “resfriadinho” é desdenhar dos milhares de óbitos ocorridos no mundo e das 46 mortes que foram registradas até aquele dia em território nacional e que no decorrer da pandemia superou a marca de 160 mil óbitos. Referir-se a si mesmo como exemplo para a população como modelo a ser seguido é restringir-se às raias das demonstrações narcísicas, além de promover signos idiotas, é renegar o alargamento da mente em movimentos de imaginação. Aqueles que não são espelhos dos seus próprios predicados ou que não reverberarem suas feições são dignos de morte ou esquecimento. A passagem do discurso do presidente perpassa a ausência de mente alargada apresentada por Arendt porque, além de não desenvolver qualquer tipo de consideração da pluralidade de discursos e, conforme demonstra Correia (2012, p. 170, grifo meu) desconsidera “[...]a capacidade de *representar na mente o ponto de vista de todos os outros que habitam o mundo*, tornados então virtualmente presentes e tomados efetivamente em consideração na formulação do juízo”.

Durante a pandemia, a vida não teve a proteção nem por parte do dirigente da nação; e caso a morte venha a acontecer, é apenas mais uma fatalidade da ciranda da existência. Giorgio Agamben (2010) apresentou que desde a Antiguidade até à Idade Contemporânea, a humanidade convive com o descaso da vida. Enquanto Festo, procurador de Nero, desenhava que a vida, mesmo sendo sacra, poderia ser matável, mas essa morte não causaria dolo ou responsabilidade, ele apresentava a vida do *homo sacer*. Agamben percebeu que a vida pode ser nua, ou seja, desprovida de proteção do Estado ou de qualquer movimento de consideração pública. A vida nua não ficou restrita à Antiguidade, Agamben a reconheceu nas manifestações da biopolítica, investigadas por Michel Foucault (1987, 1979), que domesticavam e docilizavam corpos, mentes e subjetividades. Em outra passagem, Agamben (2010) perfilhou a ocorrência de vidas nuas também nas formações dos campos de concentração durante os governos fascistas na Europa. No holocausto, a implantação do estado de exceção permitiu “a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político (Agamben, 2004, p. 13). Em leituras contemporâneas, a vontade de que algumas vidas deixem de existir é visível quando há a ausência de diálogo e pensamento em concerto.

A poética fascista é uma das expressões mais agudas das práticas idiotas. A intenção de destruir a condição humana em seus aspectos basilares como a garantia de liberdade ofereceu sustentação ao desejo de exterminar qualquer signo divergente ao discurso soberano. A aversão de Bolsonaro aos Estado democrático de direito pôde ser observada mesmo antes de ocupar o executivo nacional. Denominar que o governo de

Bolsonaro é fascista pode incorrer a equívocos de ordem histórica, mas, por outro lado, pela ótica de Finchelstein (2020), Bolsonaro se apropria de expedientes fascistas como a intenção de aniquilar discursos discordantes da sua ideologia, a luta contra inimigos fantasmagóricos, o uso do populismo e a centralidade da ordem e da moral na sua própria figura.

A fé na própria fantasia desenvolvida contribui para o desenvolvimento de práticas idiotas. Mesmo com uma série de estudos realizados com rigor científico, Bolsonaro desacredita na ciência quanto ao uso da cloroquina e hidroxicloroquina no combate ao novo vírus e à doença. O incentivo à prescrição médica das drogas no tratamento para a covid-19 permaneceu ao longo de grande parte do período pandêmico e, segundo relato de Mandetta (2020) houve a intenção de alterar a bula das drogas comercializadas no Brasil para que o seu uso fosse recomendado no tratamento aos doentes de covid-19. No pronunciamento realizado no dia 24 de março, Bolsonaro anuncia que a FDA (Food and Drug Administration) e o Hospital Albert Einstein estariam em pesquisas para fundamentar a eficácia das drogas no tratamento. Todavia, mesmo naquele momento, já havia estudos que comprovaram a ineficiência dos compostos para combate à doença e, a despeito dessa condição, Bolsonaro incentivou o uso e a posologia dos medicamentos. O governo assumiu a compra de milhares de comprimidos⁶ e nem a confirmação da sua própria infecção foi suficiente para que ele não recomendasse o uso dos fármacos.

A cloroquina e hidroxicloroquina são na pandemia aquilo que o nióbio foi no começo da gestão de Bolsonaro: um fetiche fantasmagórico para o livramento e promessa de desenvolvimento para a nação. O Brasil ostenta uma das maiores reservas de nióbio do mundo, entretanto, o minério tem baixo valor de mercado, pouca aplicabilidade e alto custo de extração, o que não o torna interessante em transações financeiras, nem na comercialização. Mesmo assim, o presidente anunciou que o Brasil poderia ser um grande exportador do metal e, desta forma, entrar com mais intensidade no cenário econômico mundial⁷. Em vão, pois nem a extração e nem a exportação se tornaram viáveis economicamente.

Ambos os casos esbarram na fantasia de uma alucinação, manifestações que não avançam para além da alegoria e que não encontram respaldo na realidade, mas que mantém afetos quando propagados. De março a julho de 2020 surgiram manifestações em ambiente públicos de apoio ao presidente e contra as medidas sanitárias sugeridas pela OMS⁸. Algumas ruas brasileiras foram tomadas por carros e bandeiras verde-amarelas tremulantes. O pedido, além de ser uma manifestação de apoio ao presidente, questionava a suspensão das atividades produtivas e das aulas em escolas e universidades e a adoção de procedimentos fitossanitários como o uso de máscaras. Os manifestantes sabiam do potencial letal do vírus e justamente por essa condição que a vida deveria seguir seu destino; a morte é a tragédia da vida. Do *cercadinho*, no dia 28 de abril de 2020, um jornalista interroga o presidente sobre as mais de 5 mil mortes no Brasil que, por sua vez, dispara: “E daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/governo-bolsonaro-tem-estoque-parado-de-4-milhoes-de-comprimidos-de-cloroquina.shtml>. Acesso: 15 ago. 2020.

⁷ Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Dossie/noticia/2019/06/niobio.html>. Acesso: 20 jul. 2020.

⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/01/manifestacao-pro-bolsonaro-pede-fim-da-quarentena-em-sao-paulo.htm>. Acesso: 20 jul. 2020.

não faço milagres. (...) Mas é a vida. Amanhã vou eu. Logicamente, a gente quer ter uma morte digna e deixar uma boa história para trás” (CNN, 2020).

Além da falta de urbanidade ao cargo a que foi eleito, a prática do presidente é associada a nuances antipolíticas. Amparado nas considerações de Andreas Schedler pela obra *O fim da política? Explorações sobre a antipolítica moderna*, Adverse (2019) aponta características antipolíticas como a “negação da pluralidade ou na formação intransigente da homogeneidade social” (Adverse, 2019. p. 68). As considerações do autor vão ao encontro das observações de Hannah Arendt sobre a importância da manutenção da pluralidade no espaço público enquanto ação política. A necessidade de prestar atenção apenas aos grupos que demonstram consonância com a própria ideologia, como apontaram Arendt e Adverse, é demonstração idiota que fragmenta o espaço público, anula a diversidade de discursos e representações e, conseqüentemente, fere a visibilidade de alguns grupos ou sujeitos.

O comprometimento com o presidente não é exatamente com a *res publica*, mas com a campanha para ser reeleito em 2022 ou, na melhor das hipóteses, com seu eleitorado, nem ao menos com a política econômica do país, como o próprio presidente afirmava. Carvalho (2020) analisou que a crise econômica provocada pelo novo coronavírus seria inevitável, entretanto, os danos seriam menores em nações que se organizariam com propostas mais eficazes como, por exemplo, a compreensão da necessidade de suspender as atividades que não seriam essenciais àquele momento e maior participação do Estado em diversas frentes de atuação. Para a autora, a política econômica brasileira não partiu desse princípio o que pode amargar um cenário ainda mais catastrófico nos próximos anos.

A reunião presidencial realizada no dia 22 de abril de 2020⁹ foi uma vitrine de que a preocupação do presidente era de atender aos interesses particulares e familiares, uma vez que seus filhos estavam na mira de investigações, e não houve quaisquer interesses na defesa da ação política durante as quase duas horas em que o presidente, ministros e secretários permaneceram na sala reunião. Exaltações virulentas e muitas ofensas a figuras e instituições públicas foram proferidas na ocasião¹⁰. Essa reunião promoveu uma acentuada crise política no governo por que o então Ministro da Justiça, Sergio Moro, denunciou que na ocasião Bolsonaro demonstrou interesse em rearticular postos dentro da Polícia Federal, instituição que investiga seu filho mais velho, Flavio Bolsonaro, então, deputado estadual do Rio de Janeiro, em suposto caso de rachadinha, apropriação indevida dos vencimentos dos assessores.

Se por um lado há a negação da pluralidade como manifestação antipolítica, por outro lado, Adverse também pontua a derrisão como integrante desta qualidade: a objetificação da detração e do escárnio que se caracteriza no cinismo. De acordo com o autor “na derrisão, o poder político é simplesmente vítima do opróbrio, objeto de uma insolência que, aparentemente, não tem por finalidade nada além do regozijo com sua própria manifestação” (Adverse, 2019, p. 81). Em 07 de maio de 2020, quando o Brasil atingiu mais de 9 mil mortes e 140 mil infectados, Bolsonaro pronuncia: “Estou cometendo um crime. Vou fazer um churrasco no sábado aqui em casa. Vamos bater um

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TjndWfqiRQQ>. Acesso: 29 jul. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkcTwwQH55lc>. Acesso: 25 jul. 2020.

papo e quem sabe uma peladinha”¹¹. O discurso foi proferido enquanto havia minimamente uma união para a manutenção da quarentena em estados e municípios, ou seja, uma demonstração, mesmo que curta, de aspectos políticos defendidos por Arendt.

Para o fim e ao cabo para ilustrar os acontecimentos, não menos importante, foi a intenção do governo de mascarar as informações sobre a evolução da covid-19 no país. Além de não dar visibilidade aos números da pandemia (infectados, mortes e recuperados) nos canais oficiais do governo (site e aplicativo) e retardar cada vez a coletiva de imprensa com representantes do Ministério da Saúde, houve a articulação de não contabilizar as mortes que fossem confirmadas em dias anteriores à divulgação diária dos boletins. Com essa montagem, os números de mortes e infecções reduziram drasticamente, dando a falsa sensação de segurança e controle da doença no país. Recuperar os danos causados pela pandemia na economia e reativar o quanto antes o setor produtivo foram as montagens escolhidas pelo presidente para defender sua permanência ao cargo perante seus aliados. Conforme aponta Avritzer (2020), Bolsonaro opera dentro dos signos de Thanatos, o deus da morte, e não se importa com a morte de milhares de pessoas. O desprezo dele pelas mortes foi materializado ao responder que não era um coveiro¹² a um jornalista que estava no *cercadinho* sobre as mais de 300 mortes que foram registradas no dia 19 de abril de 2020 que foram somadas às mais de 2.500 que ocorreram desde o começo da pandemia no Brasil naquele momento. Uma ilustração evidente de prática idiota no espaço público.

Considerações finais

As discussões apresentadas no texto não deverão ficar retidas ao tempo e ao espaço mencionados nas abordagens mencionadas, mas avançam na abordagem de outros objetos empíricos e outras colaborações. As reflexões de Arendt foram úteis para reconhecer que as articulações de Jair Bolsonaro, no que se refere às ações de combate à pandemia do novo coronavírus, não avançaram para o debate público, não desenvolveram a ação política, tampouco, foram frutos do alargamento da mente. Os comportamentos do presidente ficaram restritos às ordens privadas de atender quase que com exclusividade os interesses pessoais ou, no máximo, às pautas do seu eleitorado.

A contemplação de aspectos idiotas não promoveu o desenvolvimento do senso comum, segundo o entendimento de Arendt, que requer a ação política; ao contrário, foi promovida a destruição das possibilidades de diálogo e a eleição das paixões ao espaço público. Sugerir a quarentena, isolamento físico e social e a suspensão das atividades produtivas, apesar de serem medidas agressivas do ponto de vista do desenvolvimento econômico, foram as soluções mais viáveis para que se pudesse evitar a infecção pelo vírus até então muito desconhecido. Incitar aglomerações, incentivar à retomada das atividades e acreditar na fatalidade do contágio são movimentos antipolíticos que remetem a vida à morte sem que isso cause responsabilidade.

¹¹Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/07/interna_politica,852555/bolsonaro-diz-que-fara-churrasco-para-uns-30-convidados-no-sabado.shtml. Acesso: 30 jul. 2020.

¹² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/eu-nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-covid-19.htm>. Acesso: 27 jul. 2020.

É importante salutar que a desconsideração da ação política e da mentalidade alargada não é um pressuposto nos discursos de Jair Bolsonaro. Em outras ocasiões, mesmo antes de ascender ao executivo nacional, ele afirmou que uma deputada não merecia ser estuprada¹³ e proferiu discursos considerados racistas¹⁴, demonstrações que apresentam deficiência na arquitetura do espaço público e da ação política. A construção do espaço público é edificada pela intenção de promover a discussão e o debate entre sujeitos e grupos que prezam pela sustentação da vida em diálogo com a pluralidade e os modos de compreender as diversas realidades que coabitam o espaço público e, conforme aponta Arendt, a movimentação de destruição desses alicerces pode configurar violência.

Referências bibliográficas

- ADVERSE, Helton (2019). “As formas antipolíticas”. NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: a outra margem da política* (63-84). São Paulo: Edições Sesc São Paulo.
- AGAMBEN, Giorgio (2010). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- AGAMBEN, Giorgio (2004). *Estado de exceção*. 2ª ed. Trad.: Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo.
- ARENDR, Hannah (1994). *Lições sobre a filosofia política de Kant*. 2.ed. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- ARENDR, Hannah (2013). *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. Rio de Janeiro: Companhia do Bolso.
- ARENDR, Hannah (2018). *O que é política?* 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ARENDR, Hannah (2007). *A condição humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- ARENDR, Hannah (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre banalidade do mal*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ARENDR, Hannah (1985). *Da violência*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- ARISTÓTELES (2019). *Política*. Trad.: Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro.
- AVRITZER, Leonardo (2020). *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.
- BITTAR, Eduardo. C. B. (2011). *Curso de filosofia política*. 4ªed. São Paulo: Atlas.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (2000). *Dicionário de política*. 5ª ed. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial.

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso: 14 ago. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>. Acesso: 15 ago. 2020.

- BOLSONARO, Jair. (2020). Pronunciamento oficial. *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=77&v=VL_DYb-XaAE&feature=emb_logo. Acesso em: 04 maio 2020.
- CARVALHO, Laura. (2020). Curto-circuito: o vírus e a volta do Estado. São Paulo: Todavia.
- CÍCERO, Marco Tulio (2019). *Dos deveres*. São Paulo: Edipro.
- CNN. (2020) *Site CNN*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/28/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- CORREIA, Adriano (2012). Juízo, imaginação e mentalidade alargada: a interpretação arendtiana do juízo estético kantiano. *Rev. Filos. Aurora*, v. 24, n. 34, p.57-175.
- FINCHELSTEIN, Federico (2020). *A brief history of fascist lies*. California: University of California Press.
- FOUCAULT, Michel (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes.
- FOUCAULT, Michel (1979). *Microfísica do poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- MANDETTA, Luiz Henrique (2020). *Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- MELLO, Patrícia Campos. (2020). *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras.
- OYAMA, Thais (2020). *Tormenta: governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.



Recebido em novembro de 2020

Aceito para publicação em Janeiro de 2021